

A melancolia e A Náusea, de Jean-Paul Sartre

Etiane Araldi

Este estudo retoma o entendimento acerca da melancolia à luz das contribuições da psicanalista Marie-Claude Lambotte, tecendo relações entre o personagem Antoine Roquentin, do romance A Náusea, de Jean-Paul Sartre, e o discurso do sujeito melancólico. Com isso, são realizadas comparações entre as diferentes concepções que embasam a obra de cada um desses dois autores, respectivamente, a melancolia segundo a psicanálise e alguns pressupostos da filosofia existencialista. O estudo conclui que, apesar da existência de pontos antagônicos entre as duas teorias, o discurso de Antoine Roquentin mostra-se em afinidade com a condição existencial do melancólico, o que pode suscitar uma maior compreensão dos diversos aspectos da melancolia.

Palavras-chave: Melancolia, psicanálise, existencialismo

Em psicopatologia, a melancolia gera controvérsias no que concerne à sua classificação. Com manifestações clínicas variáveis, podendo ser argumentado que essas estariam presentes em várias outras psicopatologias e que, por isso, não mereceria uma categoria própria (Lambotte, 1996). Para a psicanálise, hoje talvez seja consenso que não equivale ao que se chama de “depressão” e que é um estado distinto das psicoses. A pesquisa psicanalítica mais recente sobre a Melancolia é apresentada pela psicanalista Marie-Claude Lambotte (1997), que a entende na categoria das “neuroses narcísicas”, termo cunhado por Freud ainda na primeira metade do século XX.

Além das várias possibilidades de classificação da problemática do melancólico, também há outras vias pelas quais se pode centrar seu entendimento. Tendo em vista os objetivos deste estudo, detenho-me a introduzir o esquema que foca a relação Eu Ideal - Ideal de Eu, este último tomando conta daquele na melancolia. Vejamos isso melhor: o Eu não é único, está dividido em Eu Ideal e Ideal de Eu. O primeiro deve se constituir ainda no estágio do espelho (Lacan, 1966) e traduz um narcisismo primário, uma dimensão imaginária (na verdade, há também um elemento simbólico, que é a palavra de quem apresenta ao bebê o reflexo de sua imagem), limitada e idealizada, relacionada ao narcisismo dos próprios pais, e que confere ao sujeito uma sensação de onipotência. O Eu Ideal é, então, resultado de um investimento sobre o bebê por parte dos que dele cuidam. O efeito desse investimento de um outro na sua imagem é que o sujeito também passa a investir, identificando-se a essa imagem, “eu sou esta imagem que é amada” ou, como poderia se dizer, permite que o sujeito ame a si mesmo. Entretanto, os cuidadores não projetam apenas seu narcisismo, mas também algumas exigências, essas mais relacionadas à cultura. A partir disso, há a passagem para o Ideal de Eu, que é o que o sujeito precisa ser/fazer para ser amado e reconhecido, primeiramente pelos cuidadores/família, depois por outros. Como síntese, satisfaz-me a expressão de

Lambotte (1996), que aborda todo esse processo como uma questão de “dupla identificação”: com sua imagem (eu ideal) e com a espécie (ideal de eu).

A hipótese psicanalítica é que, no sujeito melancólico, não haveria uma distância ótima entre as duas referidas instâncias do Eu, a qual permitiria ao sujeito ingressar na ilusão do Eu neurótica e tomar o Ideal como promessa na vida. Assim, o sujeito melancólico, nessa colagem entre Eu Ideal e Ideal de Eu, estaria sempre num estado de deparar-se com o nada, com o sem-sentido que é a vida. Supõe-se que a melancolia seja resultado de uma falha já na constituição do Eu Ideal, não havendo assim o que poderia ser chamado de um “substrato adequado” para que a constituição do Ideal de Eu ocorresse de forma a garantir uma certa identidade ao sujeito (Lambotte, 1997).

O que se encontra na melancolia, então, é um sujeito com uma identificação narcísica que se confunde com um ideal sempre inacessível. Isso acaba por conferir algumas características próprias ao investimento de objeto do melancólico. Impedido de tomar a si mesmo como objeto (devido à referida falha na constituição do narcisismo primário), o melancólico recusa-se a investir de forma permanente em qualquer objeto externo (Lambotte, 1996). Tal recusa parece vir a serviço de evitar que retorne à cena originária em que seu afeto, a meio caminho de ser dirigido a si mesmo, foi subitamente reduzido a uma sensação eterna de ser nada perante os modelos ideais que nunca será capaz de atingir.

À medida que tive contato com tais teorizações acerca das formações sintomáticas do melancólico, lembrava-me do personagem Antoine Roquentin, do romance *A Náusea*, escrito em 1931 pelo filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980) e publicado em 1938. Um homem por volta dos trinta anos, há seis viajando sozinho por diversos continentes, decide estabelecer-se na província de Bouville (França), em cuja biblioteca encontraria documentos sobre a vida do Marquês de Rollebon, figura do século XVIII que fascinou Roquentin a ponto de resolver dedicar-lhe uma biografia. Mas não é tanto a história desse homem que me inspira a pensar a melancolia; é sim, a forma como ele vai nos contando seus sentimentos nos últimos três anos e uma sensação corpórea que o acomete há alguns meses. A obra *A Náusea* está escrita no formato de um diário de Roquentin, iniciado em janeiro de 1932, com o objetivo de perceber os acontecimentos com clareza, de “não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda que pareçam insignificantes, e sobretudo classificá-los. É preciso que diga como vejo esta mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi *isso* que mudou” (p.11).

Em linhas gerais, esse romance introduz algumas das principais idéias da filosofia existencialista de Sartre em seu desenvolvimento inicial. De acordo com Silva (2006), *A Náusea* retrata um período (que vai aproximadamente até a

publicação de *O ser e o nada*, em 1943) em que Sartre debruçava-se a explicar sua ontologia fenomenológica sob o prisma da liberdade do homem, ainda com um conceito pouco ampliado de situação. Foge aos meus objetivos esclarecer os conceitos de liberdade e situação na filosofia de Sartre, interessa-me salientar que em *A Náusea*, segundo Silva (2006), os contornos da concepção de sujeito do existencialismo menosprezavam um pouco a importância da história e do outro. Entretanto, o mesmo entendimento sobre a liberdade do homem se mantém no decorrer de todas as obras de Sartre, ainda segundo Silva: “as conseqüências da ontologia fenomenológica podem ser resumidas em três grandes linhas: ser homem é ser liberdade; sua existência se deve à livre escolha que ele faz de si mesmo, o que exclui todo e qualquer tipo de determinismo; o homem é, desse modo, inteiramente responsável por si mesmo e pelo mundo” (p. 92).

O diário em *A Náusea* anuncia um homem confuso, preocupado com uma sensação de estranhamento que tem sentido e com definir o que é isso: “é certo que tive medo ou algum sentimento do gênero. Se pelo menos soubesse do que tive medo, já teria dado um grande passo” (p. 13). Está receoso, também, porque num diário “exagera-se tudo”, “força-se constantemente a verdade”, fato que quer evitar. Termina o texto do primeiro dia dizendo: “O curioso é que absolutamente não me sinto inclinado a me considerar louco e vejo até, com toda evidência, que não estou louco: todas essas mudanças dizem respeito aos objetos. Pelo menos é disso que gostaria de ter certeza” (p. 13).

No seguimento do texto, ele conta algo sobre o dia em que recusou uma viagem e decidiu voltar à França, o que encerrou com “um sono de seis anos” no qual esteve viajando pela Europa Central, África do Norte e Extremo Oriente: “Não conseguia entender por que estava na Indochina. O que fazia ali? (...) Minha paixão morrera. Durante anos, ela me submergira e me arrastara; agora, me sentia vazio. (...) diante de mim, instalada com uma espécie de indolência, havia uma idéia volumosa e insípida. (...) não podia encará-la, de tal modo me repugnava” (p. 18).

E é dessa “idéia” que Roquentin está se aproximando cada vez mais quando inicia seu diário, na forma de uma sensação de náusea que alguns momentos e objetos lhe transmitem. No final, descobre que seu enjôo acompanha a “evidência ofuscante” de que os seres e as coisas simplesmente existem, sem qualquer finalidade ou sentido e, por trás deles, não há nada. A “náusea” é, então, a metáfora utilizada pelo filósofo existencialista para descrever a sensação de deparar-se com o absurdo e com a gratuidade da vida. Lambotte (1997) fala em uma aproximação do melancólico de uma verdade perigosa: “Ignorância e conhecimento constituem indiferentemente a máxima do silogismo melancólico cuja conclusão, marcada pela impotência, não cessa de denunciar um efeito de verdade, desta verdade a

propósito da qual Freud dizia em ‘Luto e Melancolia’ que não se podia dela se aproximar sem ficar doente” (p. 92).

Parece ser esse o caminho que Roquentin vai percorrendo e, à aproximação dessa verdade, a sensação é de náusea. Seriam as questões de Roquentin correspondentes às do melancólico e, portanto, úteis para aprofundar uma reflexão sobre essa psicopatologia?

Para minha surpresa, o título original da obra *A Náusea* era “Melancholia” (Figurelli, 2005), e, ao final de uma análise detalhada da obra, posso dizer que são muitos os pontos de confluência entre os discursos do personagem e do melancólico, segundo Lambotte (1997). Determinar ao certo a relação desse personagem com a melancolia ainda é uma questão. Não é possível, por exemplo, afirmar que Roquentin é um melancólico, em virtude do pequeno recorte que temos no romance. O que tomo como certo é que a experiência vivida por Roquentin em *A Náusea* ajuda-me a versar sobre vários aspectos do sofrimento do melancólico, conforme aparecem no discurso, e é com esse objetivo que traçarei as relações entre essa obra e a melancolia, basicamente como a entende Lambotte (1997), como já mencionei, em seu livro *O discurso melancólico*. Por se tratar de um romance que veicula idéias da filosofia existencialista, alguns de seus pressupostos também entrarão na discussão.

Cabe advertir que utilizarei aspectos isolados da teoria de Sartre e somente na forma como aparecem no romance *A Náusea*, que retrata, como mencionei, uma fase muito inicial do seu desenvolvimento filosófico.

O discurso de Roquentin e o discurso do melancólico

Nas primeiras linhas de seu diário, Roquentin escreve: “Isso veio como uma doença, não como uma certeza comum, não como uma evidência. Instalou-se (...) sorratamente: senti-me um pouco estranho, um pouco incomodado, e foi tudo. Uma vez no lugar, não mais se mexeu (...). E eis agora que a coisa se expande” (p. 15).

Essa passagem introduz, já de início, uma característica da afecção do melancólico, que é a sensação de estar afundando cada vez mais em algo indefinido. De forma muito semelhante a Roquentin, uma paciente de Lambotte (1997) enuncia: “Sinto que este estado se instala apesar de mim, e continua sempre se instalando mais profundamente. Nada posso fazer; é infundável... e sem fundo... e sem fundamento” (p. 91). Esse estado que vai se instalando desemboca em uma certa anestesia, que se manifesta num descaso com os instintos e numa desapareção dos afetos, tratada por Lambotte (1997) como uma “transformação”

de afetos, palavra que implica pensar sobre o que acontece com a energia antes destinada a eles. Em *A Náusea*, uma passagem elucidativa disso é o significado que Roquentin atribui aos seus encontros com uma prostituta: “Ela sente prazer (...) e me purgo assim de certas melancolias cuja causa conheço muito bem. Mas raramente conversamos alguma coisa. Para quê?” (p. 19), e em seguida diz que “Em outras épocas (...) pensei por Anny. Atualmente já não penso por mais ninguém (...). Isso flui em mim, (...) não fixo nada, deixo correr” (p. 20). Cabe retomar o que foi dito na introdução, sobre uma espécie de impedimento, de que sofre o melancólico, de investir em um objeto. Por esse motivo, a excitação sexual, ao invés de dirigir-se a objetos do mundo externo, volta-se sobre o psiquismo: “um afluxo permanente de excitação sexual psíquica que não pode ser fixada em um objeto exterior de eleição” (Lambotte, 1997, p. 39). O que parece relacionar-se com um certo descaso de Roquentin com o sexo e com o fato de não “fixar” em nada, tal como aparece em seu discurso. Retomando a idéia da transformação de afetos, a consequência desse processo é que toda a energia sexual não investida em um objeto “se autogera e se autodestrói ao mesmo tempo, no nível psíquico para a melancolia” (Lambotte, 1997, p. 39).

Por causa desse processo, é comum a insistência do melancólico em trabalhos intelectuais meticulosos, tal como os que referem os pacientes de Lambotte (1997) e tal como o personagem autor do diário, em *A Náusea*. Roquentin é um historiador dedicado a montar a biografia do Marquês de Rollebon. Seu trabalho, portanto, consiste em juntar pedaços da história deste homem – em decidir, por exemplo, se um fragmento que fala de uma viagem do Marquês implica que ele tenha matado Paulo I ou não – com o objetivo de traduzir minuciosamente como foi sua vida. Atingir esse objetivo é uma grande preocupação que aparece no discurso de Roquentin, e ela chega ao ponto de ele desistir do livro por considerar que não estava sendo capaz de traduzir a verdadeira história do Marquês. Assim, a biografia era, na verdade, um romance que ele estava criando e isso não servia aos seus propósitos.

Como pode-se entrever, essa autocrítica exacerbada tem como destino a sensação de que tudo o que faz é falso. Isso aparece na própria escrita do diário: no início, ele se preocupa porque quando se escreve “exagera-se” tudo. Em outro momento, ele começa o texto de um dia arrependendo-se do que escreveu no anterior, porque aquilo não traduzia o que aconteceu. Essa sensação de falsidade se faz bastante presente nos quadros melancólicos (Lambotte, 1997) e parece ser decorrente da busca por uma verdade inatingível, isto é, de um ideal inatingível. Ela aparece também na relação de Roquentin com seu passado: “por mais que vasculhe meu passado, só extraio dele fragmentos de imagens e não sei muito bem o que representam, nem se são recordações ou ficções” (Sartre, 1938, p. 54).

Ainda sobre o passado, diz que “Entre cem histórias mortas, ainda assim permanecem uma ou duas histórias vivas. Essas são evocadas por mim com precaução (...) não com muita freqüência, por medo de desgastá-las. (...) É inútil; da próxima vez que as evocar, boa parte delas se terá congelado” (p. 55). Esse último excerto fala de uma tendência na melancolia, que se refere à intensidade do fluxo de pensamentos, a qual se sustenta ao custo do apagamento dos afetos relacionados às idéias, tirando-lhes o aspecto de representação (Lambotte, 1997). Roquentin escreve ainda: “Minhas lembranças são como as moedas da bolsa do diabo: quando a abriram só encontraram folhas secas” (Sartre, 1938, p. 53). Esse discurso a respeito do passado parece estar a um passo do discurso de uma paciente de Lambotte (1997): “nem mesmo experimento mais a necessidade de evocar meu passado, isso me entedia. Eu continuo, é tudo” (p. 60).

No decorrer do diário, soubemos que as inúmeras viagens de Roquentin surgiram com o objetivo de atender a um ideal de aventuras. Agora ele se depara com uma “idéia” que diz que ele não teve aventuras, que foi *narrar* os fatos a aventura e não os acontecimentos em si (“é isso que ilude as pessoas”, diz ele na página 62). Então ele se decepciona, já que a sensação que buscava era uma narrativa, e, na narrativa, tudo é falso: “Quando se vive, nada acontece. Os cenários mudam, as pessoas entram e saem, eis tudo. Nunca há começos. Os dias se sucedem aos dias, sem rima nem razão (...) E também tudo se parece: Xangai, Moscou, Argel, ao fim de 15 dias tudo é igual (...) Viver é isso. Mas quando se narra a vida, tudo muda” (p. 63).

“E aí está: meu passado é apenas um enorme buraco. Meu presente: essa empregada de corpete preto entregue aos seus devaneios perto do balcão, esse homenzinho. Parece-me que tudo o que sei de minha vida foi aprendido nos livros” (p. 97).

Voltando ao Marquês de Rollebon, entendo-o como um objeto de amor de Roquentin, visto que ele nomeia de “paixão” o sentimento que teve ao deparar-se com um pequeno fragmento de sua história um tempo atrás. Assim, é possível usar a relação de Roquentin com a vida do Marquês para entender um aspecto do investimento de objeto do melancólico. Para Lambotte (1997): “De fato, longe de medir a intensidade de seu investimento, o sujeito melancólico oscila de uma posição de retração absoluta à de uma exigência não menos absoluta frente ao objeto exterior, que se exprime numa demanda de adequação total ao Ideal” (p.223). É assim que Roquentin muda-se para Bouville para investir tudo o que idealizou nesse objeto (que parece ter vindo no lugar de um outro objeto de amor: uma mulher, Anny), mas este, por não permitir que seja atingido o ideal estabelecido pelo personagem, como vimos anteriormente, logo perde seu sentido e é abandonado. Sobre a relação com Anny, que foi seu grande amor, é interessante

que ele a refira como uma mulher sempre em busca de “situações ideais”, as quais ele jamais conseguia corresponder (“o peso de minha responsabilidade me esmagava”, (p. 95). Hoje, nada resta de Anny: “Perdi primeiro a lembrança de seus olhos, depois a do seu corpo esguio. Guardei, o mais que pude, seu sorriso, e (...) perdi-o também (...) Tento lembrá-lo novamente: preciso sentir toda a ternura que Anny me inspira; essa ternura está presente, está bem perto, pedindo para nascer. Mas o sorriso não retorna: terminou. Permaneço vazio e seco.” (p. 95)

Lambotte (1997) fala de um paradoxo nos melancólicos: por um lado, lamentam-se do vazio de seu ser, dos outros, do mundo; por outro, estão com a consciência povoada de idéias. Acompanha-me essa mesma sensação no decurso de toda a leitura do diário de Roquentin. Como explicar esse paradoxo?

Com o “rebaixamento das funções vitais de um lado, reforço das funções cognitivas do outro” (Lambotte, 1997, p. 61), o melancólico dedica-se a um exercício de estabelecer relações lógicas para explicar a vida e o mundo, e, assim, costuma chegar numa verdade que os outros não conseguem ver, parecendo ser simplesmente isso que os torna doentes. Vejamos como o caso de Roquentin pode ser ilustrativo desse aspecto da psicopatologia em questão: fica três anos viajando sem muita perspectiva, sem namorada há seis, perde o interesse pela biografia do Marquês de Rollebon e não vê mais graça no passado que antes considerava cheio de aventuras. Acompanha esse processo uma sensação misteriosa de enjôo; a partir disso, ele resolve descobrir o que significa essa náusea, através da escrita de seus pensamentos em um diário. Por fim, considera ter descoberto uma grande verdade da existência, que os outros homens não alcançam: que existir é absurdo e sem razão. Podemos ver isso em um trecho: “O verdadeiro mar é frio e negro, cheio de animais; rasteja sob essa fina película verde que é feita pra enganar as pessoas. Os silfos que me rodeiam caíram no logro: só vêm a fina película, é ela que prova a existência de Deus. Eu vejo o que está por baixo!” [grifo meu] (Sartre, 1938, p. 178). Essa frase vem depois de um momento no qual a náusea o acomete violentamente num restaurante, de onde ele sai pensando: “olham para minhas costas com surpresa e asco; pensavam que eu era como eles, (...) e os enganei” (p. 178). A idéia mesma do diário, tal como a coloquei quando introduzi o personagem que iria analisar, já fala de uma necessidade do melancólico, segundo Lambotte (1997), de debruçar-se sobre as causas de seu mal, “que dão a seu discurso a andadura de uma problemática existencial” (p. 97). Além disso, Roquentin tem seu grande *insight* sobre a existência em um momento no qual a náusea o envolve completamente, passando de uma sensação que lhe transmitiam alguns objetos em determinadas situações para algo que está nele, para algo que é ele. Roquentin estava no jardim público quando isso aconteceu e o início dos pensamentos que lhe levarão até o “absurdo”

e a “obscenidade” da existência, dá-se com uma alteração de percepção: “Todos esses objetos... (...) Incomodavam-me; teria desejado que existissem com menos intensidade, de uma maneira mais seca, mais abstrata, com mais recato. O castanheiro me entrava pelos olhos (...) O ruído discreto da água da fonte Masqueret penetrava em meus ouvidos, fazia neles um ninho, enchia-os de suspiros; minhas narinas transbordavam de um odor verde e pútrido” (Sartre, 1938, p. 183).

Paim (1986) afirma que melancólicos costumam apresentar hiperestesia, chegando à “intolerância com as excitações sensoriais” (p. 21). O autor define hiperestesia como “o aumento da intensidade das sensações. Observa-se o aumento da sensibilidade aos vários estímulos sensoriais nos estados de elevação da atividade pessoal. Acompanha-se, em geral, de exaltação dos reflexos tendinosos, diminuição do limiar da sensibilidade fisiológica e aceleração do ritmo dos processos psíquicos” (p. 14). Parece ser exatamente esse o processo pelo qual Roquentin passa: sua atividade psíquica está chegando ao clímax nesse momento, e então ele começa a sentir os estímulos sensoriais de forma muito intensa. Vale ressaltar que Paim (1986) fala de um ponto de vista fenomenológico.

104
Após uma torrente de pensamentos, sentindo em si as coisas, pensa ter encontrado o motivo de suas náuseas, da Existência e de sua própria vida. Um pouco de suas conclusões: “Éramos um amontoado de entes incômodos, (...) não tínhamos a menor razão para estar ali, (...) cada ente confuso (...) se sentia demais em relação aos outros. (...) E eu – fraco, lânguido, obsceno (...) –, também eu era demais. Pensava vagamente em me suprimir, para aniquilar pelo menos uma dessas existências supérfluas. Mas até mesmo minha morte teria sido demais” (Sartre, 1938, p. 184).

Uma paciente de Lambotte (1997) tem uma visão semelhante, que complementa esse excerto do romance, porque faz alusão à falha na constituição do Eu Ideal do sujeito melancólico, hipótese na qual situa-se, em psicanálise, a origem do sentimento de estar sobrando e vivendo sem razão: “Eu nunca fui iniciada (...) Não tenho lugar em parte alguma; eu me sinto sempre a mais. Obrigatoriamente, já que ninguém me disse nada, já que ninguém me ensinou nada, eu permaneço a mais” (p. 79).

Algumas conclusões

Estabelecidas todas essas relações, pode-se formular a hipótese de que, se Roquentin não é de fato um melancólico, pelo menos está vivendo um estado genuíno de melancolia. É importante ressaltar que minha tarefa foi encontrar

pontos de aproximação entre uma patologia descrita pela psicanálise e uma obra que desenvolve uma teoria, o existencialismo, que nega vários pressupostos da psicanálise, como o inconsciente e estruturas de caráter mais universal que regeriam os seres humanos (Cobra, 2001). Para a filosofia existencialista de Sartre não há um sentido maior que ordena o mundo, sendo cada homem, em particular, livre para determinar sua vida. Assim, o homem não deve fugir do sentimento de angústia decorrente da consciência da própria liberdade, de ser quem sabe sobre sua vida e quem constrói o seu futuro (ibid.). Ora, na teoria psicanalítica que se inspira na obra de Lacan, a neurose se relaciona com a suposição de que haja ao menos um que saiba lidar com a Demanda Imaginária do Outro. Comparadas com essa hipótese psicanalítica, as idéias do existencialismo poderiam colocar o sujeito no impasse em que fica o melancólico, segundo Lambotte (1997): “Conceber num modo quase que compulsivo a infinidade de relações lógicas que podem, qualquer uma delas, contribuir para a estruturação do real não é aproximar-se, de uma certa forma, de uma verdade que se sabe inacessível por se tê-la experimentado como tal, se não mesmo demonstrada com as regras mais estritas da racionalidade lógica? Saber disso mais que os outros e, por este saber, encontrar-se confrontado com a inacessibilidade de uma verdade que se afasta à medida que se se aproxima e cuja miragem se prende aos limites fugidios do raciocínio lógico, tal é, do ponto de vista da simples análise formal do discurso, a condição existencial do melancólico” (p. 68).

Para o existencialismo sartreano, o *cogito* de Descartes se inverte, é “existir porque penso”, assim, “se penso ou não em existir, permaneço cumprindo a existência” (Simões, 2005). No entanto, “Assim, que o sujeito se sinta ‘existir’ em um movimento, isso não lhe indica o lugar que ele ocupa neste movimento, na medida em que ele só apreende aí o aspecto fugidio, o momento da interrogação” (Lambotte, 1997, p. 104).

Veamos agora uma passagem extensa do diário de Roquentin, com o objetivo de analisar a temporalidade, um dos três registros fundamentais (os outros são atividade e autoreflexão), “que o sujeito deve percorrer simultaneamente para experimentar seu ser de um ponto de vista existencial, e cronologicamente para exprimir sua lógica de um ponto de vista intersubjetivo” (ibid., p. 105):

“Vejo o futuro. Está ali, pousado na rua, um nadinha mais pálido do que o presente. Que necessidade tem de se realizar? Que vantagem lhe trará isso? A velha se afasta coxeando, pára, ajeita uma mecha grisalha que escapou do fichu. Caminha, estava ali, agora está aqui... já me perdi: será que vejo seus

gestos ou os prevejo? Já não distingo o presente do futuro e no entanto isso tem uma duração, realiza-se pouco a pouco; a velha avança na rua deserta; desloca seus sapatos de homem. É isso o tempo, o tempo inteiramente nu, que vem lentamente à existência, que se faz esperar e, quando chega, nos sentimos enfatiados porque percebemos que já estava ali havia muito tempo. A velha se aproxima da esquina da rua, já é apenas um montinho de panos pretos. Pois bem, sim, admito, isso é novo: ela não estava ali ainda agora. Mas é um novo embaciado, sem viço, que nunca pode surpreender. Ela vai dobrar a esquina da rua, dobra – durante uma eternidade” (Sartre, 1938, p. 52).

Chamo a atenção, nesse trecho, para o futuro que se mistura ao presente, para o tempo “inteiramente nu”: “Eis o que nos remete diretamente à problemática existencial do sujeito melancólico, inteiramente achatado na instantaneidade do momento, incapaz de apreender uma sucessão temporal e menos ainda de imaginar um futuro pela mediação de um projeto” (Lambotte, 1997, p.104).

Agora posso retomar o que expus no início sobre a relação Eu Ideal-Ideal de Eu, para entender outro aspecto já mencionado: a sensação do melancólico de falsidade, e assim fechar essa via que afirmei no começo ser a mais interessante para entender a melancolia segundo meus propósitos neste estudo. Em Descartes, o “eu sou”, anterior ao “eu existo”, garante a idéia de uma constituição narcísica inicial (Eu Ideal), para passar, a seguir, a um aspecto de identificação mais pautado na cultura (Ideal de Eu). No melancólico, o *cogito* cartesiano serve, para Lambotte (1997), como modelo para designar “a falência desta relação cujos termos encontram-se falsificados desde a origem” (p. 107), ou seja, a hipótese aquela de enunciados enganadores no momento em que o bebê constituía sua imagem, formando uma espécie de onipotência falsa. O discurso de uma paciente de Lambotte (1997) – em itálico – revela bastante desse processo e será entrecortado com as idéias do diário de Roquentin: “*Tudo soa falso (...) só se pode, com a linguagem, enganar os outros e enganar a si mesmo*”. Para Roquentin, a narrativa é uma coisa, os fatos são outra, e é a narrativa que “ilude as pessoas”. “*Quando eu lhe falo, tenho a impressão de que o que digo não é verdadeiro, que estou à parte do que digo, que eu a engano e que engano a mim mesma. Não há meio de utilizar a palavra justa, a palavra exata*”. Ele acha que não traduz, no diário, o que está pensando. “*O verdadeiro acontece, no entanto, algumas vezes, mas é muito raro. Então é inteiramente espontâneo e isso não pode durar. Desde que isso dure, desde que o tempo passe, então tudo se acha forçosamente modificado, o verdadeiro desaparece e tudo se torna falso*”. “Alguma coisa começa para terminar: a aventura não se deixa prolongar; só tem sentido através de sua morte (...) E depois, subitamente, algo se quebra. A aventura terminou, o tempo retoma sua languidez cotidiana” (Sartre, 1938, p. 61). “*Igualmente não mais falar, já que tudo é falseado antes*” (Lambotte, 1997,

p. 106). Igualmente não mais escrever a biografia de Rollebon, já que não estaria falando a verdade.

Quanto ao *cogito* de Sartre, como vimos, faz uma mistura do eu sou, eu penso, eu existo, e ainda tira a dimensão de Deus, que dava ao *cogito* de Descartes “a necessária dialética que dá à certeza do enunciado uma legitimidade indissociavelmente ligada à verdade constitutiva do sujeito falante” (Lambotte, 1997, p. 106). Vejamos como isso fica em Roquentin: “Os pensamentos são o que há de mais insípido. Mais insípido ainda do que a carne. Prolongam-se interminavelmente e deixam um gosto esquisito (...) É pior que o resto, porque me sinto responsável e cúmplice. Por exemplo, essa espécie de ruminacão dolorosa: existo – sou eu que a alimento. Eu. O corpo vive sozinho, uma vez que começou a viver. Mas o pensamento, sou eu que o continuo, que o desenvolvo. Existo. Penso que existo. (...) Meu pensamento sou eu: eis por que não posso parar. Existo porque penso... e não posso me impedir de pensar. Nesse exato momento – é terrível – se existo é porque tenho horror a existir. (...) o ódio, a repugnância de existir são outras tantas maneiras de me fazer existir” [grifo meu] (Sartre, 1938, p. 145).

Fica visível nesse discurso o “pensamento sobre o pensamento” do melancólico, a “compulsão a pensar” e a “pressão das idéias”, que refletiriam a “inibição”, uma das três grandes “figuras” da melancolia, segundo Lambotte (1997). Pelas limitações deste estudo, não me estenderei neste aspecto. O que mais me interessa salientar nesse fragmento é uma das conseqüências do *cogito* segundo o existencialismo de Sartre: a impossibilidade de fugir da responsabilidade, a qual é unicamente do sujeito, único que *sabe* sobre sua própria vida. Ora, segundo Lambotte (1997), o excerto de *A Náusea* retrata com precisão o “eu” do melancólico, que “só pode pensar-se em função do próprio movimento do pensamento, um ‘eu’ que se especifica unicamente pelo movimento que se dirige a apreendê-lo, da mesma forma que este movimento se dirige a apreender todas as coisas” (p. 101).

Embora pareça, defender que a visão de homem da filosofia existencialista implica uma espécie de melancolização do sujeito não é minha intenção. Quero, sim, salientar que o que mais perpassa esse imbricamento que percebi do existencialismo, da forma como aparece no romance, com a melancolia é o caráter mesmo da problemática do melancólico, sua condição existencial. Entendo que é isso que estreita a relação entre o discurso do melancólico e o discurso de um filósofo existencialista, como Sartre na obra *A Náusea*. Particularmente, tendo a considerar o sofrimento enunciado por Roquentin como caracterizando um quadro melancólico. Acrescento, então, nesse final, um dos muitos trechos do romance que inspiram em mim essa crença:

“A Náusea me concede uma trégua curta. Mas sei que voltará: é meu estado normal. (...) Entedio-me, isso é tudo (...) É um tédio profundo, profundo, o coração profundo da existência, a própria matéria de que sou feito. Não me desleixo, muito pelo contrário: essa manhã tomei banho, me barbeei. Só que, quando considero todos esses pequenos atos diligentes, não compreendo como pude fazê-los: são tão inúteis. Certamente foram os hábitos que os fizeram por mim. Estes não morreram, continuam a se azafamar, a tecer silenciosamente, insidiosamente, suas tramas; lavam-me, secam-me, vestem-me, como amassecas” (Sartre, 1938, p. 224).

Referências:

COBRA, R. Q. (2001). Jean Paul Sartre: Filosofia Contemporânea. Retirado do site <http://www.cobra.pages.nom.br/fcp-sartre.html>, acessado em 07/10/2006.

FIGURELLI, R. *A Náusea* ou a irreversibilidade do tempo. *Revista Letras*, n. 66, p. 157-174, 2005.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 96-103.

LAMBOTTE, M. C. Melancolia. In: P. Kaufmann, *Dicionário enciclopédico de psicanálise*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 325 - 330.

_____. O discurso melancólico: Da fenomenologia à metapsicologia. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

PAIM, I. Alterações da percepção. In: I. Paim, *Curso de Psicopatologia*. São Paulo: EPU, 1986, p. 5 - 26.

SARTRE, J. P. (1938). *A Náusea* - 12ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SIMÕES, R. L. M. (2005). Absurdo e linguagem em *A Náusea*. Retirado do site <http://www.filologia.org.br/soletras/12/05.htm>, acessado em 07/10/2006.

SILVA, L. D. Filosofia, Literatura e Dramaturgia: Liberdade e situação em Sartre. *Dois pontos*, v. 3, n. 2, p. 83 – 103, 2006.

Resumos:

Este estudio retoma la comprensión de la melancolía a partir de las contribuciones de la psicoanalista Marie-Claude Lambotte, tejiendo relaciones entre el personaje Antoine Roquentin, de la novela "A Náusea" de Jean-Paul Sartre y el discurso del sujeto melancólico. De esta manera, son realizadas comparaciones entre las diferentes concepciones que fundamentan la obra de estos dos autores: la melancolía según el psicoanálisis y algunos de los presupuestos de la filosofía existencial. El artículo sostiene como conclusión que a pesar de la existencia de puntos antagónicos entre las dos teorías el discurso de Antoine Roquentin muestra afinidad con la condición existencial del melancólico, lo que puede suscitar una mayor comprensión de los diversos aspectos de la melancolía.

Palabras clave: melancolía, psicoanálisis, existencialismo.

Cette étude reprend la connaissance du changement entre la mélancolie et le bonheur selon les apports de la psychanalyste Marie-Claude Lambotte, en établissant des rapports entre le protagoniste Antoine Roquentin, du roman « La Nausée », de Jean-Paul Sartre, et la discussion au sujet de la mélancolie. Ainsi, on établit des comparaisons entre les différentes conceptions qui bâtissent l'oeuvre de chacun de ces deux auteurs, respectivement, la mélancolie selon la psychanalyse et quelques présuppositions de la philosophie existentialiste. L'étude détermine que, malgré l'existence des points antagonistes entre les deux théories, la discussion d'Antoine Roquentin s'accorde avec la condition existentialiste de la mélancolie, ce qui pourrait stimuler une meilleure compréhension des divers aspects de la mélancolie.

Mots clés: mélancolie, psychanalyse, existentialisme.

This article summarizes the concept of melancholia based on the contributions by the psychoanalyst Marie-Claude Lambotte and discusses relationships between Antoine Roquentin, a character in Jean-Paul Sartre's novel "Nausea," and the discourse of the melancholic subject. Comparisons are made between the concept of melancholia from a psychoanalytical point of view and principles from existential philosophy. The study concludes that, although there are important differences between these two theories, Roquentin's discourse seems to be in line with the existential condition of melancholic patients. This fact permits a better understanding of the various aspects of melancholia.

Key words: melancholia, psychoanalysis, existentialism.

Etiane Araldi

Acadêmica de psicologia – Instituto de Psicologia da UFRGS; pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental Pierre Fédida; bolsista PET Sesu/MEC

Rua Jacinto Gomes, 119/22
90040-270 Porto Alegre, RS
e-mail: eti_ane@yahoo.com.br

Recebido em 30 de janeiro de 2007

Aceito em 5 de março de 2007

Revisado em 10 de maio de 2007